



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

1º ano de Mestrado em Ciências da Comunicação

Ramo Profissionalizante Informação e Jornalismo

Ano Letivo 2021/2022: 1º Semestre

Discente:

Juliana da Silva Soares (PG46044);

ju.soares1112@gmail.com

Docente:

Luís Miguel Loureiro

Ensaio: A resiliência da palavra num mundo dominado pela imagem

Trabalho realizado na Unidade Curricular de

Comunicação e Linguagens

dezembro 2021

Introdução

O mundo está a atravessar uma pandemia. Estamos nisto há quase dois anos e, neste momento, encontro-me sentada na minha secretária a escrever um ensaio académico sobre palavras e imagens. Vocês questionam: “Mas afinal, o que tem a ver a covid-19 com as palavras e as imagens?” Tem tudo a ver! Já pensaram como é que soubemos que este vírus apareceu no mundo? Como é que fomos informados que a máscara ia começar a fazer parte do nosso “outfit”? Até me podem responder: “Vimos nas redes sociais, na televisão, por intermédio da comunicação social”. E sim, têm razão! Mas para que todas as informações passem na internet, na televisão e na imprensa são precisas palavras e imagens. A palavra explica-nos o que está, de facto, a acontecer, é uma das melhores formas de nos expressarmos. A imagem complementa esses dados, “é uma memória permanente do olhar” (La Rocca, 2017, p. 29). Se, simplesmente, nos colocassem uma imagem do vírus, nós saberíamos do que se trata? Se essa imagem fosse explicada, não compreenderíamos facilmente? Mas também existem outros cenários, onde a imagem pode valer mais que mil palavras, como reflete a segunda parte deste trabalho.

Este tema despertou a minha curiosidade numa das primeiras aulas de Comunicação e Linguagens, uma unidade curricular integrada no 1º ano de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho. O professor começou por falar em ‘crise da palavra’ e ‘surgimento da imagem’, dois aspetos que acordaram a minha atenção. Atualmente, as pessoas valorizam mais a imagem e a palavra acaba por ficar esquecida e, deste modo, torna-se interessante conhecer e explorar o que pensam determinados autores acerca desta problemática.

Assim, recorrendo sempre às palavras, na primeira parte do ensaio, pesquisei alguns poemas que refletissem as mesmas e analisei-os, de maneira a dar exemplos do quotidiano/da realidade. Na segunda parte, tratei o aparecimento da imagem e tentei compreender se a palavra está, de facto, em crise.

A palavra refletida em poemas e na vida do ser humano

Falar da palavra é difícil. A palavra é das melhores armas que o ser humano possui e, por isso, é preciso que esta não seja esquecida. Aliás, por mais que a queiramos esquecer, ela não deixa, porque nos acompanha para todo o lado. Mas nada melhor que refletir sobre a palavra através de poemas.

Alexandre O'Neill, in "No Reino da Dinamarca" escreveu um poema, cuja primeira estrofe expõe que "Há palavras que nos beijam/Como se tivessem boca. /Palavras de amor, de esperança, /De imenso amor, de esperança louca". O poeta dirige-se às palavras de forma personificada, dizendo que estas têm boca e que nos podem beijar/tocar, trazendo-nos, assim, felicidade. Por exemplo, ouvir um "amo-te" da pessoa que gostamos, é algo que não tem explicação. É uma palavra dita como se, realmente, nos tivesse a beijar. Ouvir palavras bonitas, positivas, de motivação e de alegria é algo tão bom que quase podemos comparar a um beijo. E porquê? Normalmente, dar beijos, abraços e mimos são 'coisas' com as quais nos sentimos bem, que gostamos. Além disso, as palavras abrangem muito mais do que pensamos, pois podem despertar em nós imensos sentimentos, simplesmente pelo facto de as mencionarmos, ouvirmos ou pensarmos nelas.

Teixeira (2016) exprime que as palavras

servem para várias coisas, pode engrandecer, confortar, consolar, evidenciar, esconder, deixar feliz, mas pode também destruir, magoar, tirar noites de sono, desmotivar, amargurar, gerar raiva e pode inclusive gerar problema de autoestima, exclusão social, transtornos psíquicos, doença mental e pode levar o outro a cometer os atos mais abomináveis já vistos pela humanidade.

Tavares (2017), do mesmo modo, salienta que "as palavras têm um poder tremendo. Há palavras que edificam, outras que destroem; umas trazem bênção, outras, maldição". Ou seja, é desta forma que a comunicação molda a vida do ser humano.

"Pois é preciso saber que a palavra é sagrada/Que de longe muito longe um povo a trouxe/E nela pôs a sua alma confiada". Se analisarmos frase por frase esta estrofe do poema "Com fúria e raiva", de Sophia de Mello Breyner Andresen, in "O Nome das Coisas", esta esclarece que a palavra é algo a que devemos dar muito valor. As pessoas é que a trouxeram, isto é, o facto de hoje utilizarmos a palavra para nos expressarmos, deve-se, em grande parte, ao povo, que muito lutou, para que todos pudéssemos ter a liberdade de falar através de palavras. É por intermédio delas que estamos conectados à realidade, que estabelecemos compromissos e que exprimimos os nossos sentimentos. Nomeadamente, usamos a palavra para dizer o "sim" no casamento, só somos batizados com as palavras que o padre profere, quando queremos convencer os nossos

pais a deixar-nos sair, também usamos a palavra. E, ainda, se queremos que os nossos amigos saibam que gostamos deles, utilizamos as palavras para nos expressarmos, quer seja de forma escrita ou verbal.

“Com palavras me ergo em cada dia! / Com palavras lavo, nas manhãs, o rosto/ e saio para a rua”. Através da poesia de Egito Gonçalves, entendemos que a vida é feita de palavras. Estas perseguem-nos no dia a dia, nas diversas tarefas que executamos e estão presentes em todos os momentos, nos bons e menos bons. “As palavras embrulham-se na língua. /As mais puras transformam-se, violáceas, /roxas de silêncio. De que servem asfixiadas em saliva, prisioneiras? /Possuímos, das palavras, as mais belas; / as que seivam o amor, a liberdade.../ Engulo-as perguntando-me se um dia/ as poderei navegar; se alguma vez/ dilatarei o pulmão que as encerra”. Aqui, o poeta foca a incapacidade que, muitas vezes, temos em comunicar, por não descobirmos a palavra adequada que queremos pronunciar. “Ah!, de palavras estamos todos cheios. /Possuímos arquivos, sabemo-las de cor/em quatro ou cinco línguas. /Tomámo-las à noite em comprimidos/para dormir o cansaço. / (...) Atravessa-nos um rio de palavras:/Com elas eu me deito, me levanto,/e faltam-me palavras para contar...”. A palavra tem um efeito calmante e, ao mesmo tempo, intempestivo. Possui imenso poder enquanto veículo de transmissão de ideias e pensamentos, mas, na maioria das vezes, as palavras que temos ao nosso dispor acabam por não ser suficientes para a comunicação.

Eugénio de Andrade, in “Até Amanhã” redigiu “As palavras”, onde traduz o essencial na primeira estrofe: “São como um cristal, /as palavras. /Algumas, um punhal, /um incêndio. / Outras, /orvalho apenas”. As palavras são relatadas como cristais, visto que estes podem ter várias faces, assim como a palavra possui vários sentidos e significados. As palavras podem ser claras e transparentes, mas, ao mesmo tempo, são descritas como um “punhal”, pois também as usamos de forma agressiva, para causar dor e sofrimento. Ainda, são comparadas a “um incêndio”, porque também têm o poder de destruir. Por fim, as palavras são semelhantes ao “orvalho”, uma vez que, algumas, despertam calma e suavidade. Na última estrofe, o poeta coloca duas perguntas retóricas, onde pretende que nós, leitores, sejamos os intérpretes das palavras e do seu significado, de acordo com a nossa experiência de vida e o modo de sentir: “Quem as escuta? Quem/ as recolhe, assim, / cruéis, desfeitas, / nas suas conchas puras?”.

Evidentemente, a língua, que é feita de palavras, é produto e condição da vida social. Isto é, o mundo encontra-se dependente da palavra, pois sem ela este era “vazio de nomes, conceitos, explicações, fantasias e mitos” (Agostinho, 2007, p. 23). Existem várias formas de comunicar, mas é através da palavra, escrita ou falada, que nos exprimimos. Martins (2011, p. 129) afirma

que “a palavra é, por excelência, o grande mito da civilização ocidental. A nossa razão é discursiva, tanto na tradição greco-latina, como na tradição judaico-cristã”. Igualmente, Biderman (1998, p. 81) revela que “a palavra é a pedra de toque da linguagem humana”. Por sua vez, Grijelmo (2000, p. 13), declara que “nada poderá medir o espaço que uma palavra ocupa na nossa história”, isto porque as palavras são “os embriões das ideias, o germen do pensamento, a estrutura das razões, mas o seu conteúdo excede a definição oficial e simples dos dicionários”.

Com efeito, concluímos que as palavras acompanham a vida do ser humano, desde o seu nascimento até à morte. Por outro lado, também é necessário ter em atenção que nem todas as pessoas são iguais, como é o caso das pessoas mudas, que comunicam através de gestos. Mas mesmo estas pessoas acabam por usar a palavra no dia a dia, pois, apesar de não terem a capacidade de falar pronunciando as palavras, são capazes de as ler e perceber. No geral, a palavra está no centro da nossa vida. Utilizámo-la para manifestar uma opinião, para convencer, conversar e seduzir, mesmo que possamos ser mal interpretados pelos outros. Sem elas, a comunicação seria mais difícil.

Surge a imagem. A palavra entrou em crise?

Atualmente, a palavra transformou-se. Agostinho (2007, p. 21) considera que se existiu “a crise da modernidade, ela também representou uma crise da palavra (...) Desde o Renascimento, passando pela Enciclopédia, a Ilustração, o Romantismo, as Vanguardas históricas e o mundo contemporâneo, têm-se observado notáveis realizações e transformações no uso da palavra”.

Novas linguagens apareceram e, rapidamente, surgiu “a palavra eletrônica, informática, internética, virtual que passaram a predominar a cena das comunicações (...) Todas as formas de linguagens, desde a escrita à oral, vão ser desafiadas por uma nova integrante do processo comunicacional: a imagem (...)” (Agostinho, 2007, p. 24). Quando a imagem apareceu, esta passou a ter um privilégio sobre a palavra e começamos a ser desafiados pelo videoclip, pelo hipertexto, etc. e, deste modo, a palavra ficou conhecida como o símbolo da modernidade e a imagem como o símbolo da pós-modernidade (Agostinho, 2007, p. 24). Octavio (2003, p. 224) fala de crise da palavra quando refere que

Estamos vivendo sob uma tempestade de imagens de todos os tipos, qualidades e estéticas. O mundo se transformou em uma grande imagem constituída de muitas micro imagens que se multiplicam em um ritmo alucinado, muitas vezes destituídas de significado e que em um segundo se dissolvem em nossa memória, sem deixar sequer rastro. Há uma inconsistência geral,

tanto nas imagens como no próprio uso da palavra, tornando as narrativas e as experiências dos homens com algo fortuito e confuso.

De acordo com Octavio (2003) está Italo (1995, p. 107) quando enuncia que

estamos vivendo a civilização da imagem. Como podemos negá-la? Ela está aí, acompanha-nos no nosso dia a dia, porém estamos perdendo a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens.

Na comunicação, quando uma imagem se encontra bem posicionada sobre determinado tema, ela tem a capacidade de transmitir a mensagem de forma rápida, objetiva e clara e, na maioria das vezes, consegue fazer-nos lembrar do assunto por muito tempo. Santos (2021) esclarece que “as imagens possuem um papel especial no estímulo de nossas emoções, além de atrair o olhar e despertar os sentidos que são induzidos pelo pensamento”. Por exemplo, quando observamos peças originárias do estrangeiro, até podemos não compreender o que dizem os textos, mas temos a capacidade de perceber o contexto da mensagem se a mesma possuir imagens/fotografias.

Messa (2012) relembra que “desde o século XVIII, a linguagem escrita foi priorizada para a documentação e transmissão do conhecimento” e, por isso, “programamos infinitas gerações de humanos a reconhecerem o texto como um formato mais adequado para se comunicar”. No entanto, na época em que surgiu o telemóvel com máquina fotográfica, quase podemos afirmar que a palavra ficou meio que esquecida. Isto porque as pessoas em vez de enviarem mensagens de texto (utilizar a palavra), preferem enviar ‘prints’ e fotografias. Ou seja, começamos a aprender a conversar através de imagens.

Contudo, Fidalgo (s.d., p. 4) apresenta uma relação entre as palavras e as imagens: “Enquanto as palavras designam (na linguagem de Kant) conceitos, representações gerais, as imagens são de cariz intuitivo, e, portanto, representações particulares (...)”. Na perspetiva de Fidalgo (s.d., p. 4/5), “as imagens estão muito mais próximas da realidade do que as palavras”, mas também salienta que “só as palavras verdadeiramente têm o poder de convencer” e isto porque

o significado das imagens depende necessariamente das palavras que as acompanham. As imagens só por si não são suficientes, antes o seu significado depende e varia com as palavras associadas. O significado da mesma imagem, da mesma fotografia, altera-se consoante a informação que sobre ela se dá (...) O impacto das palavras pode não ser, e usualmente não é, tão forte como o das imagens, mas a sua acção é mais forte (...) (Fidalgo, s.d., p. 6).

Na verdade, de acordo com Gradim (2007, p. 1), podemos concluir que a palavra e a imagem complementam-se, quando a mesma reflete sobre o seguinte: “(...) as imagens sem palavras são mudas (...) a palavra – por via da metáfora e do índice – não dispensa a imagem que a ilumine”.

Considerações Finais

Finalizada a escrita deste ensaio académico, retiramos algumas conclusões importantes. Inicialmente, através dos poemas apresentados, percebemos, por exemplo, que as palavras podem ser comparadas a um telemóvel. O telemóvel vai connosco para todo o lado, assim como a palavra. A única diferença é que nós podemos escolher se levamos o telemóvel. A palavra, quer queiramos, quer não, acompanha-nos sempre. Seja para conversar com os nossos amigos, para redigir uma carta, para cantar, para assistir televisão, entre outros exemplos. As palavras podem ser ditas e escritas, mas se não as dissermos nem escrevermos, isso não significa que elas estejam ausentes, pois estão sempre no nosso pensamento.

Todavia, o ensaio também reflete o surgimento da imagem, onde, de acordo com os autores mencionados, compreendemos que estas, apesar de serem mais valorizadas atualmente, acabam por ser um complemento às palavras. Existe, sem dúvida, uma relação entre as palavras e as imagens. Nomeadamente, quando assistimos às notícias na televisão, entendemo-las por intermédio destas duas ferramentas. Se não existisse a palavra e se nos fosse apresentada apenas a imagem, nada percebíamos. Se ouvíssemos apenas a palavra também ficaríamos esclarecidos, mas se podemos usufruir destes dois meios, torna-se mais fácil interpretar a informação.

Em suma, as imagens e as palavras são indispensáveis. É possível afirmar que a palavra, atualmente, está em crise, pelo simples facto de estarmos num mundo dominado pela imagem. Porém, as palavras ‘moram connosco’ e, na minha perspetiva, as imagens, nunca as vão conseguir substituir. Por conseguinte, uma imagem pode valer mais que mil palavras, assim como uma palavra pode valer mais que mil imagens, depende, simplesmente, do valor que as pessoas atribuem a cada uma e, ainda, do contexto em que estão inseridas.

Referências

- Biderman, M. (1998). Dimensões da Palavra. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, 2, 81-118.
- D'Agostino, V. M. (2007). A crise da palavra. *FACOM*, 17, 21-26.
- Fidalgo, A. (s.d.). *O poder das palavras e a força das imagens A retórica na era do audiovisual*. Universidade da Beira Interior.
- Gradim, A. (2007). O que pedem as palavras? *Comunicação e Sociedade*, vol. 12, pp. 189-200.
- Grijelmo, A. (2000). *La seducción de las palabras*. Santillana Ediciones Generales, S. L.
- Italo, C. (1995). *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- La Rocca, F. (2017). A mutação visual do mundo social. *Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies*, 4(1), 25-31. Retirado de <https://doi.org/10.21814/rlec.174>
- Martins, M. L. (2011). O Que Podem as Imagens. Trajecto do Uno ao Múltiplo. In Martins, M. L., Miranda, J. B., Oliveira, M. & Godinho, J. (Eds.), *Imagem e Pensamento*. Coimbra: Grácio Editor.
- Messa, E. (2012). Conversamos através de imagens (Artigo de opinião). Retirado de [Opinião – Conversamos através de imagens – Meio & Mensagem \(meioemensagem.com.br\)](http://Opinião – Conversamos através de imagens – Meio & Mensagem (meioemensagem.com.br))
- Octavio, I. (2003). *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Poema “As Palavras”, de Eugénio de Andrade, in “Até Amanhã”. Retirado de ["As Palavras", de Eugénio de Andrade \(rtp.pt\)](http://As Palavras)
- Poema “Com fúria e raiva”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, in “O Nome das Coisas”. Retirado de [Com fúria e raiva - Poema de Sophia de Mello Breyner Andresen \(escritas.org\)](http://Com fúria e raiva - Poema de Sophia de Mello Breyner Andresen (escritas.org))
- Poema “Com Palavras”, de Egito Gonçalves, in “Antologia Poética”. Retirado de Poema: Com Palavras - Egito Gonçalves - Poesia / Poemas no Citador
- Poema “Há palavras que beijam”, de Alexandre O'Neill, in “No Reino da Dinamarca”. Retirado de [Há palavras que nos beijam - Poema de Alexandre O'Neill \(escritas.org\)](http://Há palavras que nos beijam - Poema de Alexandre O'Neill (escritas.org))
- Santos, A. (2021). O poder da imagem na comunicação (Artigo de opinião). Retirado de [O poder de uma imagem na comunicação - Publicitários Criativos \(publicitarioscriativos.com\)](http://O poder de uma imagem na comunicação - Publicitários Criativos (publicitarioscriativos.com))
- Tavares, S. (2017). O poder das palavras (Artigo de opinião). Retirado de [Visão | O poder das palavras \(sapo.pt\)](http://Visão | O poder das palavras (sapo.pt))
- Teixeira, B. (2016). O poder das palavras (Artigo de opinião). Retirado de [O poder das palavras \(administradores.com.br\)](http://O poder das palavras (administradores.com.br))